

# Teatro Máscaras que revelam

A *commedia dell'arte*, gênero do teatro italiano do século XVI, tem sua alma na vida que o ator dá à máscara

Por Marcella Chartier

**G**ritos e uma pronúncia que mistura português e italiano ecoam no palco do teatro escuro, até que surgem dois homens mascarados: o fantasma do barão Portavia e seu cúmplice, o fantasma do general Fusel. Eles voltam à cidade de Fênix, onde o barão passou sua vida, para tentar salvar a empresa que ele dirigia e que, agora, está nas mãos de Neto, seu herdeiro desonesto (e subserviente às vontades da esposa Isadora). Para fazer a travessia, seguem outro fantasma, o do escravo Tonho, que sempre baixa num terreiro da cidade. Sem serem vistos, provocam confusões nas relações de pessoas que já têm uma situação complicada para resolver: Eva Riguar, jornalista, é noiva do braço direito de Neto na empresa, Marco Antonio, e publica uma denúncia contra Portavia. Entre os principais

A máscara constrói a essência dos personagens



envolvidos no imbróglio, passeiam personagens aparentemente sem importância, como um vendedor ambulante, uma empregada doméstica, um taxista e um motorista de confiança de Neto. Mas são eles os que promovem encontros e desencontros entre os envolvidos na desordem. Para encenar a história acima, formada por 11 personagens, há um elenco de cinco atores. "A freguesia da Fênix", peça do Grupo Barracão de Teatro, é uma representação de um gênero de teatro italiano que surgiu no século XVI e percorreu a Europa até século XVIII, quando perdeu a força: a *commedia dell'arte*. A principal peculiaridade dela é a utilização de máscaras na composição dos personagens. Mais do que isso: as máscaras definem a essência de cada um deles.

A diretora da peça, Tiche Vianna, se interessou pelo gênero italiano no início de sua carreira, em 1986, quando, ainda estudante da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (EAD USP), montou um projeto baseado na *commedia dell'arte*. Na mesma época, o diretor italiano Francesco Zigrino chegava ao Brasil para trabalhar com o gênero. O encontro propiciou a Tiche um aprofundamento no tema, que a estimulou a viajar para a Itália, logo após sua formatura (em 1987), onde estudou por três anos na Universidade de Bologna. "Era instigante trabalhar com um teatro europeu de máscaras, de improviso e popular, diretamente com um italiano que vivenciava isso, e não por meio de alguém que já traria códigos e outras interpretações", explica Tiche.

O que encantou a então estudante foi, principalmente, a sensação de encontrar uma representação popular urbana. "No Brasil, as referências ao popular sempre tinham sido o bumba, as festas populares nordestinas ou as do sul. E não o popular da cidade grande", diz Tiche. As origens da *commedia dell'arte* remontam aos feudos no século XVI. Posteriormente, nas cidades que começavam a surgir, o gênero foi adquirindo novas características e perdendo outras, mas nunca abandonou a máscara.

Divulgação

O primeiro registro de uma trupe de atores que fazia apresentações teatrais de *commedia dell'arte* é de 1545, em Pádua (norte da Itália). As companhias viajavam pela Europa apresentando suas peças nas ruas, principalmente em feiras dos principados italianos da época. Como os principados eram pequenos, quase todos os seus habitantes assistiam à primeira apresentação de cada trupe. E como era exaustivo partir para outra viagem, as companhias ensaiavam vários espetáculos para permanecer por mais tempo em cada lugar. "Isso gerava a possibilidade de se trabalhar com as mesmas figuras e a de usar a criatividade para mudar as situações entre elas", comenta Tiche. As histórias têm sempre um roteiro, chamado de *canovaccio*. Apesar de este ser definido antes da atuação, os atores também fazem intervenções, chamadas de *lazzi*. São gracejos, pequenas humilhações ou travessuras que provocam o riso na platéia. Uma expressão do improviso que inspirou, posteriormente, o circo. "Quando a *commedia dell'arte* começa a cair, o movimento do circo se expande. E o palhaço moderno tem uma descendência desse gênero", explica Éσιο Magalhães, ator e parceiro de Tiche na fundação do Barracão Teatro, que existe desde 1998. A companhia não apenas realiza espetáculos, mas também promove cursos e pesquisas sobre a *commedia dell'arte* e o teatro de rua em geral. Assim como Tiche, Éσιο se interessou pela *commedia dell'arte* antes de terminar a faculdade. Também em seu penúltimo ano na EAD, na montagem de um projeto, precisava convidar um diretor para participar. Chamou Tiche, que já havia voltado da Itália e se tornado, no Brasil, uma referência no estudo e na execução da *commedia dell'arte*.

## A construção dos personagens

A *commedia dell'arte* tem tipos de personagens, com uma linha de comportamento já determinada. São arquétipos, como os amorosos ou enamorados, que não usam máscaras e constituem o eixo "sério" das histórias, geralmente baseado no drama da impossibilidade que eles têm de viver um amor; e os *zannis* (velhos e criados), mascarados, que dão humor às peças, fazendo brincadeiras e gerando confusão. Os arquétipos dos *zannis* são variados (como o *arlecchino*, a *pasquella*, a *pulcinella*, cada um com sua personalidade), e podem aparecer combinados de acordo com a história que será contada. "É como Mazzaroppi, que é um tipo fixo 'jeca'. Nos filmes, ele vive várias situações na cidade, na roça, mas é sempre o Mazzaroppi 'jeca'. Ele não muda sua característica", exemplifica Éσιο. Como a *commedia dell'arte* foi um teatro inspirado e inicialmente apresentado nas ruas, as

Divulgação



figuras eram criadas a partir da observação do convívio cotidiano. Dessa forma, o *arlecchino*, por exemplo, representa um tipo travesso, mas ingênuo. Em "A freguesia da Fênix", o personagem correspondente a esse arquétipo é Sabiá, o vendedor ambulante cheio de ginga e bastante atrapalhado.

Assim como a máscara dele, todas as outras usadas nas apresentações do Barracão Teatro são criadas e produzidas por Éσιο. No palco, o próprio Éσιο faz, também, o papel de Sabiá. O trabalho dos atores, preparados para dar vida às máscaras, é o de convencer o público. "A máscara tem uma tamanha verdade, uma vida, que acreditamos que aquela cara de couro, de papel, que faz barulho, realmente existe e sofre aquela sorte de paixões", aponta Éσιο. Em harmonia com o improviso de cada ator, a máscara conquista a platéia. "Nesse tipo de teatro, especificamente, existe uma preparação para que o ator consiga enxergar, escutar e falar com o próprio corpo", complementa Tiche.

O arquétipo do *arlecchino*, das raízes da *commedia dell'arte italiana*, é representado, em "A freguesia da Fênix", por Sabiá, um vendedor ambulante



Júlio Santos

Tiche e Éσιο são fundadores do Barracão Teatro, companhia que oferece cursos e monta espetáculos